

Continuidades e rupturas nos mecanismos de edipianização: uma leitura de O Anti-Édipo e Kafka: por uma literatura menor*

Flávio Luiz de Castro Freitas **

1. Introdução

O presente trabalho pretende investigar o seguinte problema: do ponto de vista da crítica dirigida à psicanálise, quais são as possíveis continuidades e rupturas entre *O Anti-Édipo* e *Kafka: por uma literatura menor* de autoria de Deleuze e Guattari? Para desenvolver esse problema, postulamos que seja possível explicitar importantes continuidades e rupturas concernentes ao conceito de “edipianização”, precisamente entre o capítulo 2 de *O Anti-Édipo*, “Psicanálise e familialismo: a santa família”, e o capítulo 2 de *Kafka: por uma literatura menor*, cujo título é “Um Édipo grande demais”.

Para tanto, caracterizaremos brevemente a relação que a obra de Deleuze estabelece com a psicanálise. Em seguida exporemos o conceito de edipianização tal qual é trabalhado no capítulo 2 de *O Anti-Édipo*. No passo seguinte, trataremos da edipianização no capítulo 2 de *Kafka: por uma literatura menor*. Por fim explicitaremos algumas relevantes continuidades e rupturas entre esses dois textos naquilo que diz respeito à edipianização.

2. Dois momentos para abordar à psicanálise

Em determinada ocasião Deleuze elucida que, em relação à psicanálise, sua obra possui dois momentos: uma fase de discordância, mas de possível conciliação e uma fase de ruptura. Na fase de discordância conciliável estão presentes os trabalhos *Apresentação de Sacher-Masoch* de 1967, *Diferença e repetição* de 1968 e *Lógica do sentido* de 1969¹. Já o momento de ruptura é constituído pelo trabalho em comum com

* Algumas partes deste artigo foram apresentadas no II Colóquio Nacional do GT Deleuze-ANPOF, ocorrido entre 7 e 11 de setembro de 2015, no Cariri, Ceará.

** Professor Assistente II/UFMA e doutorando pelo PPGFIL/UFSCar. Contato: f_lcf@hotmail.com

¹ Cf. David-Ménard, M.. *Deleuze e a psicanálise*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Acerca da problematização referente às possíveis contribuições do

Guattari, do qual é apropriado destacar *O Anti-Édipo* de 1972, *Kafka: por uma literatura menor* de 1975 e *Mil platôs* de 1980.

É curioso, não fui eu quem tirou Félix da psicanálise, mas ele que me tirou dela. Em meu estudo sobre Masoch, e depois na *Lógica do sentido*, eu acreditava ter obtido resultados sobre a falsa unidade sadomasoquista, ou ainda sobre o acontecimento, que não estavam em conformidade com a psicanálise, mas que podiam se conciliar com ela. Félix, ao contrário, era e continuava sendo psicanalista, aluno de Lacan, mas à maneira de um “filho” que já sabe que não há conciliação possível².

O primeiro momento é marcado pela problematização filosófica de cunho técnico-conceitual, em que há uma espécie de atualização do projeto nietzschiano do “filósofo como médico da civilização”, decorrente da processo/procedimento da leitura em intensidades iniciada com a publicação de *Nietzsche e a filosofia* em 1962. A leitura em intensidades pode ser caracterizada pela prática da construção da relação entre o texto e as experimentações, experiências, estados de passagem e afetos³. É a abertura para as distintas camadas do fora que passa a figurar no jogo filosófico de Deleuze.

O segundo momento, iniciado com a redação de *O Anti-Édipo*, também possui duas ocasiões interessantes. A primeira ocasião é a do “ataque”⁴ dirigido tanto à prática quanto à teoria psicanalítica em função do sistema de reduções e rebatimentos aos quais ela submete o inconsciente e o próprio desejo⁵. A segunda ocasião, que é concluída com *Mil platôs*, pode ser entendida como um tipo de “despedida”⁶ da psicanálise, mais especificamente no platô *1914 – Um só ou vários lobos?*⁷, o qual não só problematiza o uso que a psicanálise faz do artigo indefinido “um”, em que são desconsideradas suas conexões com o devir, o desejo e a enunciação, mas também mostra como as multiplicidades ultrapassam as distinções entre consciência e inconsciente, natureza e história, corpo e alma.

Se entre as fases dos anos 60 e 70 nos trabalhos de Deleuze sobre a psicanálise pode haver uma continuidade a partir da crítica à ideia de pulsão de morte e sua

pensamento de Deleuze para a clínica psicanalítica, sua relação com o tempo, o problema do corpo sem órgãos a partir de Artaud e a síntese disjuntiva.

² Deleuze, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, p.180.

³ *Ibidem*, p. 15.

⁴ *Ibidem*, p. 27.

⁵ Deleuze, G; Guattari, F. *O Anti-Édipo, capitalismo e esquizofrenia* 1. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 71.

⁶ Deleuze, G; Guattari, F. *Mil platôs*, volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, Ed. 34, 2000, p. 08.

⁷ *Ibidem*, p. 37.

eventual retomada como instinto de morte⁸, o marco distintivo da ruptura entre esses dois momentos pode estar localizado no encontro⁹ com Guattari, em especial ao redor do conceito de máquina¹⁰ para pensar o inconsciente e a noção de transversalidade¹¹ para problematizar a ideia de transferência utilizada na clínica psicanalítica. Além disso, é nesse momento que a esfera política ou o político emerge como prioridade temática explícita no pensamento de Deleuze e juntamente com isso sua versão do marxismo, pois para ele não é possível fazer uma análise política desconsiderando as relações da mesma com o capitalismo.

O que eu esperava do trabalho com Gilles eram coisas como essas: o corpo sem órgãos, as multiplicidades, a possibilidade de uma lógica das multiplicidades conectada ao corpo sem órgãos. Em nosso livro, as operações lógicas são também operações físicas. E o que buscávamos em comum era um discurso ao mesmo tempo político e psiquiátrico, mas sem reduzir uma dimensão à outra.¹²

Dessa maneira, analisar o capitalismo é condição para criticar à psicanálise. Não se trata de uma crítica meramente epistêmica. Obviamente ela possui seus contornos heurísticos capazes de construir teses e problemas dotados de sofisticada complexidade para confrontar a teoria e a prática psicanalíticas. Por outro lado, trata-se de uma crítica política, ou melhor, de um projeto político articulado filosoficamente que não implica numa anti-psicanálise. Entretanto, trabalha a partir de uma ambiguidade em relação à mesma e busca pelos investimentos (*catexias*) históricos, políticos, raciais, climatológicos e geográficos que são esmagados pelas produções sociais hegemônicas e, em seguida, pela atividade psicanalítica.

⁸ Cf. Montebello, P. “O instinto de morte segundo Deleuze. A controvérsia com a psicanálise”, In: *Revista dois pontos*. Curitiba/São Carlos: volume 8, número 2, outubro de 2011, p. 15-26. Sobre a natureza da relação entre as duas fases, em especial entre *Apresentação de Sacher-Masoch, Diferença e repetição, e O Anti-Édipo*. Nesse trabalho, Montebello mostra que a crítica à noção de pulsão de morte (repensada por Deleuze como instinto de morte) é o elo de ligação entre esses dois momentos de aproximação entre a obra de Deleuze e a psicanálise.

⁹ Dosse, F. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Tradução de Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.15.

¹⁰ Guattari, F. *Psicanálise e Transversalidade – Ensaio de Análise Institucional*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ideias e Letras, 2004, p. 309-320.

¹¹ *Ibidem*, p. 101-118.

¹² Deleuze, G. *Conversações*, p. 25.

3. A edipianização no capítulo 2 de *O Anti-Édipo*

O problema central de *O Anti-Édipo* possui duas faces que podem ser apresentadas em dois enunciados complementares: qual é a relação que é possível estabelecer entre o desejo e o social? Em que medida o desejo é capaz de desejar sua própria repressão? Para pesquisar esse problema Deleuze e Guattari defendem que o inconsciente é uma produção imanente, em revelia à ideia de que ele possa ser o teatro representacional do drama familiar composto pelo papai-mamãe-eu.

Por sua vez, o objetivo do capítulo 2 de *O Anti-Édipo*, intitulado de “Psicanálise e familismo: a santa família”¹³, está voltado para apresentar o conceito de edipianização a partir do contexto teórico da esquizoanálise. A esquizoanálise pode ser entendida em pelos menos dois sentidos: enquanto psicanálise política e social, bem como análise transcendental do inconsciente.

Tomada como psicanálise política e social, a esquizoanálise busca identificar a existência de investimentos libidinais inconscientes por parte da produção social e histórica. Com base nessa busca, a esquizoanálise pretende diferenciar os investimentos conscientes que coexistem com esse primeiro tipo de investimento.

A esquizoanálise, portanto, não esconde ser uma psicanálise política e social, uma análise militante: não porque generalizaria Édipo na cultura, o que se tem feito atualmente de maneira tão ridícula, mas, ao contrário, porque ela se propõe a mostrar a existência de um investimento libidinal inconsciente da produção social histórica, distintos dos investimentos conscientes que existem com ele.¹⁴

Isso significa que, para Deleuze e Guattari, é próprio da libido investir o campo social sob forças inconscientes e, com isso, alucinar acerca da história e delirar a respeito das civilizações e dos continentes.

Por outro lado, e de maneira complementar, compreendida no sentido de uma análise transcendental e materialista do inconsciente, a esquizoanálise também é dotada de um aspecto crítico e de um propósito heurístico. O aspecto crítico diz respeito ao processo de criticar ao Édipo e de encaminhar o mesmo para sua autocrítica. Nesse caso, Édipo é caracterizado como sistema de reduções e rebatimentos do inconsciente

¹³ O título desse capítulo, *Psicanálise e familismo: a santa família*, pode ser entendido como uma alusão ao livro de Marx e Engels de nome *A sagrada família* de 1844, o qual pode ser relacionado também, em certo sentido, ao anti-hegelianismo do projeto de Deleuze, uma vez que esse livro de Marx e Engels funciona como uma crítica aos jovens hegelianos que foram seus contemporâneos.

¹⁴ Deleuze, G; Guattari, F. *O Anti-Édipo*, p. 135.

das máquinas desejanter, sua autocrítica ocorre com a desmontagem do mesmo como consequência do mapeamento das condições em que semelhante sistema passou a vigorar no inconsciente. No que concerne à investigação ou exploração do inconsciente transcendental, a esquizoanálise tenta explicitar os critérios imanentes da produção desejante.

A esquizoanálise é ao mesmo tempo uma análise transcendental e materialista. Ela é crítica, no sentido que leva à crítica de Édipo, ou leva Édipo ao ponto de sua própria autocrítica. Ela tem o propósito de explorar um inconsciente transcendental, em vez de metafísico; material em vez de ideológico; esquizofrênico em vez de edipiano; não figurativo em vez de imaginário; real, em vez de simbólico; maquínico, em vez de estrutural; molecular, microscópico e micrológico, em vez de molar ou gregário; produtivo, em vez de expressivo¹⁵.

Essa dupla tarefa da esquizoanálise, análise política-social e análise transcendental, adota para si a inspiração kantiana¹⁶ de empreender uma revolução crítica e de pesquisar acerca dos usos legítimos das sínteses. Nesse caso não se trata do uso legítimo ou ilegítimo das sínteses por parte da razão, porém tange ao próprio inconsciente. Assim, a teoria e prática psicanalíticas são dotadas de sua metafísica, que é o Édipo ou mais precisamente do processo de edipianização do inconsciente produtivo constituído pelas máquinas desejanter¹⁷.

Dentro do contexto do kantismo, a “revolução crítica” pode ser compreendida como uma analogia à “revolução copernicana”, que foi um dos capítulos integrantes da “revolução científica” ocorrida durante os séculos XIV e XV, cujo produto foi a organização da atividade científica em torno do método experimental/matemático. A revolução copernicana propôs que seria possível explicar as causas dos movimentos planetários com a hipótese de um sistema heliocêntrico no lugar de um sistema geocêntrico. Nesse sistema heliocêntrico o Sol seria o centro do universo em detrimento do sistema ptolemaico, que defendia a Terra enquanto centro do universo.

Como decorrência disso, a revolução crítica de Kant advoga que é necessário experimentar e admitir que os objetos devem ser regulados pelo conhecimento, invertendo a metafísica/teoria do conhecimento de sua época, a qual preconizava que o conhecimento deveria ser regulado pelos objetos. O interessante é que Kant pretende

¹⁵ Ibidem, p. 150.

¹⁶ Como fruto das pesquisas de Deleuze dedicadas à obra de Kant é apropriado destacarmos pelo menos dois trabalhos: *A filosofia crítica de Kant* de 1963 e *Sobre quatro fórmulas poéticas que poderiam resumir a filosofia kantiana* de 1986, que também está presente no livro *Crítica e clínica* de 1993.

¹⁷ Ibidem, p. 104.

que sua ideia não seja apenas uma hipótese tal qual a de Copérnico, mas almeja que ela funcione apoditicamente, isto é, dotada de necessidade e universalidade a partir de nossas representações do espaço e do tempo, bem como dos conceitos elementares do entendimento¹⁸.

Ainda nesse contexto do kantismo, os usos legítimos das sínteses que inspiram Deleuze e Guattari podem ser caracterizados com base na dedução transcendental, que tem por objetivo mostrar que os objetos só podem ser objetos de conhecimento para o sujeito por meio de uma síntese das intuições que é realizada pelas categorias. A dedução é um tipo de justificação das categorias como condições a priori de possibilidade do conhecimento e dotadas de validade objetiva. A posse dessas categorias é legítima, pois com elas é possível a realização da unidade de uma intuição dada em geral com a unidade transcendental da apercepção. O uso legítimo dessas categorias decorre delas determinarem necessariamente intuições na sensibilidade¹⁹.

Semelhante inspiração kantiana de *O Anti-Édipo* estabelece, em última instância, a imanência como critério para as sínteses legítimas do inconsciente. Esse critério é capaz de recuperar o aspecto transcendental do inconsciente. Para atingir esse propósito, é postulada a prática da esquizoanálise com sua revolução materialista pautada na crítica do Édipo.

Sobre essa revolução materialista na psicanálise, cuja efetivação é um dos objetivos da esquizoanálise, Deleuze e Guattari alertam que a virada idealista está presente desde o princípio: “Não é contraditório: flores magníficas e, no entanto, é podre desde o início²⁰.” A virada idealista é o sistema de rebatimentos e reduções utilizado pela psicanálise para atingir ao inconsciente produtivo das máquinas desejantes, submetendo-o às coordenadas do Édipo. Isso não significa dizer que a psicanálise inventa o Édipo, contudo ela o fortalece, criando o “Édipo do Édipo” a partir desse sistema de reduções.

Nesses termos o conceito de edipianização é trabalhado nos limites dos usos legítimos ou imanentes e dos usos ilegítimos ou transcendentais das sínteses do inconsciente produtivo. Edipianizar significa reprimir a produção das máquinas

¹⁸ Kant, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015, p. 31-33.

¹⁹ *Ibidem*, p. 145-170.

²⁰ Deleuze, G. *Conversações*, p. 27

desejantes e isso ocorre com base nos usos transcendentais das sínteses que compõem essas máquinas.

Esse inconsciente das máquinas desejantes está assentado sobre um princípio que é constituído por um paralelo conflituoso entre a produção desejante e a produção social. Nesse conflito, é apropriado esclarecer que a produção social é a própria produção desejante em condições historicamente determinadas. Portanto, semelhante conflito é constituído pela produção desejante e pela produção social, destacando as relações entre as formações sintomatológicas e as formações coletivas, sem deixar de enfatizar a identidade de natureza entre as duas produções, seguidas de suas diferenças de regimes²¹.

As diferenças de regimes são duas. Na primeira as máquinas técnicas, socialmente localizadas, só funcionam com a condição de não estarem desarranjadas, pois seu limite é o desgaste e não o desarranjo. Já as máquinas desejantes só funcionam desarranjadas, uma vez que o produzir se enxerta sempre no produto, onde as peças das máquinas são o combustível para as mesmas. É particularmente relevante e explícito o funcionamento das máquinas desejantes na arte, pois ocorre um curto-circuito da produção desejante na produção social, culminando no desarranjo das máquinas técnicas²².

A segunda diferença de regime, que por sua vez decorre da primeira, estabelece que as máquinas desejantes produzem antiprodução. As máquinas técnicas só tem sua antiprodução produzida em condições extrínsecas à reprodução do processo. As máquinas técnicas estão socialmente localizadas, inscritas e condicionadas por máquinas sociais, logo as máquinas técnicas são índice de uma forma geral da produção social²³.

Esse paralelo conflituoso²⁴ entre produção desejante e produção social já é proposto desde o capítulo 1 de *O Anti-Édipo*, contudo, nesse ponto, ele é apresentado como um paralelo fenomenológico, porque não prejudica nem a natureza, nem a relação entre as duas produções, sequer se existem duas produções²⁵.

²¹ Deleuze, G; Guattari, F. *O Anti-Édipo*, p. 77.

²² *Ibidem*, p. 49

²³ *Ibidem*, p. 50

²⁴ *Ibidem*, p. 22.

²⁵ É oportuno especularmos se esse paralelismo estabelecido entre produção social e produção desejante não decorra da força, influência e inspiração da matriz spinozana presente no pensamento de Deleuze. Especificamente no caso da proposição 7, da parte 2 da *Ética*, visto que a mesma estabelece um paralelo entre as ideias e as coisas dentro dos limites da ordem imanente do monismo da Substância. Cf. Spinoza,

Em uma perspectiva imanente e unívoca, existe apenas um tipo de produção, que é a produção do real. O desejo produz real, não há uma forma de existência particular para o desejo como a realidade mental ou psíquica que se opõe à realidade material ou social. Essa produção imanente e unívoca do desejo, que é a autoprodução do inconsciente como um ciclo, está expressa tanto na produção social quanto na produção desejante.

Esse ciclo proposto por Deleuze e Guattari funciona da seguinte maneira: a produção social decorre da produção desejante em condições determinadas, *Homo natura*. Entretanto, a produção desejante é, em primeiro lugar, social e ao final que tende para se libertar, *Homo historia*²⁶. Portanto, produção do real é, univocamente, *homo natura* na medida em que é *homo historia*, visto que homem e natureza não são dois termos colocados um diante do outro como uma contradição, mas “são uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto”²⁷.

Posto isso, do ponto de vista da crítica dirigida à psicanálise, o pensamento de Deleuze e Guattari busca identificar os tipos de usos das sínteses do inconsciente produtivo e, em seguida, estabelecer uma distinção tipológica entre sínteses imanentes e sínteses transcendentais, pois essas últimas sustentam a edipianização.

Para tanto esse inconsciente é considerado como o universo das máquinas desejantes ou sistemas de cortes, fluxos, destacamentos e resíduos, nos quais as máquinas desejantes estão sempre ligadas, porquanto uma máquina, que também é órgão, produz um fluxo que outra máquina-órgão corta ou extrai, proporcionando uma conexão contínua entre as máquinas²⁸.

A tarefa distintiva das máquinas desejantes consiste em cortar e escorrer. É oportuno ressaltar que esse cortar e escorrer em *O Anti-Édipo* não funciona de maneira separada, culminando em algum tipo de abstração. Cortar e escorrer são tarefas que ocorrem em relação direta e de implicação mútua dentro do sistema que gradativamente é construído e movimentado por ambas.

B. *Ética – demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.19: “A ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas”. No caso de *O Anti-Édipo*, especulamos que esse monismo imanente seja em relação à produção, que pode ser lido e escutado assim: “a produção e as conexões do desejo são as mesmas que a produção e as conexões sociais”.

²⁶ Deleuze, G; Guattari, F. *O Anti-Édipo*, p.50 – 51.

²⁷ *Ibidem*, p. 15

²⁸ *Ibidem*, p. 07.

Nesse sentido, se a edipianização é a repressão das máquinas desejantes, ela o é em pelo menos duas dimensões: no âmbito das forças de produção e repressão sociais, bem como na teoria e na prática psicanalíticas. Mesmo que a psicanálise não invente o Édipo, ela o fortalece mediante a atribuição de consistência ao processo de edipianização. O Édipo é construído nas forças de produção e repressão sociais, esta é a primeira dimensão da edipianização. A segunda dimensão é exercida pela teoria e prática psicanalíticas.

Cada uma dessas dimensões é colocada em funcionamento ou vivenciada na forma de paralogismos. É oportuno elucidar que um paralogismo é um raciocínio falso, que tomando como ponto de partida um conseqüente qualquer, é inferido um antecedente. Ou um efeito pode ser tomado como causa, quando na verdade é apenas um efeito. O paralogismo também pode ser entendido como uma inversão inválida na forma de um pensamento. No contexto de uma filosofia transcendental, em especial nos limites do projeto kantiano, um paralogismo é aquele que tem um fundamento transcendental capaz de nos induzir a uma conclusão formalmente inválida.

Na primeira dimensão da edipianização, a repressão atinge ao inconsciente por meio do recalque. Nesse aspecto, o problema abordado por Deleuze e Guattari investiga a natureza da relação entre repressão e recalque. Juntamente com esse problema existe outro que trata da função ou lugar do Édipo dentro do sistema repressão/recalque. A justificativa que liga os dois problemas questiona a relação entre proibição e desejo, cujo fundamento está assentado numa confiança na lei, a qual está expressa na suposição de que se algo é proibido é porque é desejado. Para Deleuze e Guattari, tamanha confiança na lei desconsidera as artimanhas da repressão para acessar ao inconsciente via recalque²⁹.

A repressão atinge ao inconsciente por meio do recalque, que incide culpa no próprio inconsciente ao preconizar a proibição da lei para algo fictício no que diz respeito ao desejo. Isso compromete toda inocência e a paz da potência de maquinação do inconsciente produtivo. Deleuze e Guattari, à luz de Reich e indo além do mesmo, sustentam que a relação entre repressão e recalque necessita ser pensada e compreendida no sentido de que o ponto de partida vai da repressão em determinada produção social até chegar ao recalque e não o contrário disso.

²⁹ Ibidem, p. 155.

Com isso, a natureza da relação entre repressão e recalque está num único movimento em que a primeira delega poder à segunda e desloca a imagem da produção desejante mediante um espelho deformado da mesma, que passa a ser apresentada e a se ver como pulsões incestuosas. São forças da produção, reprodução e repressão sociais que delegam esse poder para a família ao mesmo tempo em que esta apresenta para a produção desejante uma imagem deslocada de si mesma como pulsões incestuosas. O paralelo entre as duas produções (desejante e social, lembrando que ambas exprimem a produção do real) é substituído pela relação entre família e pulsões.

Daí que o recalque pode ser distinguido da repressão devido ao fato dele ser uma operação inconsciente composto pela atividade de delegação de poder por parte da repressão social para a família e a construção/uso do espelho desfigurado junto à produção desejante, convertendo-as em pulsões e levando a culpa até o inconsciente na personificação em impulso ao incesto ou desejo pelo incesto³⁰.

O cerne do argumento de Deleuze e Guattari em relação a isso é a contestação junto a Freud de que, para eles, o Édipo não exprime necessariamente o desejo. Essa ideia de Frazer, retomada por Freud em *Totem e Tabu*, está construída em torno do raciocínio de que a lei só proíbe aquilo que os homens são capazes de fazer sob a pressão de alguns de seus estímulos. Nesse sentido, se existe a proibição legal do incesto, logo o impulso ao incesto existe. A forma desse raciocínio defende que a proibição é o critério necessário de existência para aquilo que foi proibido³¹. Se a proibição pretende atestar a realidade de algo, então o paralogismo está construído.

O núcleo disso é um paralogismo chamado de “deslocamento” ou “causa real da edipianização”. Esse paralogismo é composto por um sistema de três termos: a representação recalcante, o representado recalcado e o representante deslocado. A representação recalcante opera o recalque, o representante recalcado sofre o recalque, já o representante deslocado apresenta uma imagem desfigurada do recalcado.

Para Deleuze e Guattari, a suposição de que se existe a proibição a certos impulsos não implica na existência desses mesmos impulsos. Pelo contrário, a proibição, mediante seu sistema tripartido, pode culminar numa ficção capaz de instaurar culpabilização no desejo, promovendo correspondência entre intenção e

³⁰ Ibidem, p.162-164.

³¹ Ibidem.

ficção, ou seja, entre as atividades das sínteses e a imagem deslocada e transfigurada do inconsciente.

O propósito da produção social, no exercício dessa operação, está voltado para desmobilizar a potência de revolta e de revolução do desejo. A família faz isso colocando diante do desejo o espelho deformante do incesto, já que ela é a instância voltada para organizar a produção de sujeitos dóceis capazes de atender às demandas e solicitações das máquinas sociais. Assim, o espelho age como um traidor em relação ao desejo, porém ele o é baseado em sua própria deformidade, pois foi forjado na matriz da culpa e do ressentimento com o propósito de atender aos auspícios localizados nas bordas da repressão.

Nesse sentido, como instância organizadora, a família está inscrita na superfície das sínteses de registro, bem como na superfície do *socius*. O *socius* é compreendido como um tipo de concepção ou conceito de sociedade em que o critério diferencial são os processos de codificação dos fluxos.

Com isso, uma sociedade é caracterizada a partir das operações voltadas para marcar, registrar e separar, em cadeias os objetos, pedaços de corpos e pessoas. Isso pode significar que o *socius* ou máquina social são as sociedades interpretadas e pensadas através do ponto de vista da codificação ou registro de seus processos. Essa perspectiva permite entender as codificações enquanto condições de realidade para circulação de pessoas e objetos. Codificar para fazer circular.

Dentro dessa perspectiva, o representante deslocado, enquanto espelho deformado das sínteses, expõe um conjunto de pulsões incestuosas que convencem por identificação às intensidades do inconsciente que ele próprio é assim, culminando em sua edipianização real. No argumento de Deleuze e Guattari, uma vez que tenha sido estabelecido o conjunto de forças que operam o deslocamento, fazendo com que o desejo seja convertido em desejo incestuoso e eventualmente proibido, é possível mostrar como essas forças são aproveitadas pela operação analítica.

Sendo assim, naquilo que é referente à teoria e prática psicanalíticas, Deleuze e Guattari destacam três usos transcendentais das sínteses do inconsciente que estão cada uma baseados em um tipo de paralogismo. Cada qual desses usos inverte e submete um uso imanente específico em cada uma das sínteses. É prudente elucidar que existem três sínteses que constituem a atividade do desejo e do inconsciente produtivo ou molecular.

Essas três sínteses atuam simultaneamente, porém cada uma delas possui sua regra de funcionamento e sua própria energia. São elas: síntese conectiva ou produção de produção; síntese disjuntiva ou produção de registro; síntese conjuntiva ou produção de consumo.

Dessa maneira, em *O Anti-Édipo*, o argumento da edipianização é composto por quatro termos constantes: I) tipo de síntese – II) uso imanente da síntese – III) uso transcendente da síntese – IV) paralogismo que fundamenta o uso transcendente da síntese.

Esses os usos transcendentos das sínteses podem ser considerados os próprios mecanismos de inversão dos usos imanentes. Portanto uma das metas da esquizoanálise é a reversão da inversão, permitindo a predominância dos critérios imanentes para chegar até à produção das máquinas desejanças e aos investimentos econômicos e sociais.

A análise edipiana impõe a todas as sínteses do inconsciente um uso transcendente que assegura sua conversão. Assim, o problema prático da esquizoanálise é, contrariamente, o da reversão: devolver as sínteses do inconsciente a seu uso imanente. Desedipianizar, desfazer a teia de aranha do pai-mãe, desfazer as crenças para chegar a produção das máquinas desejanças e aos investimentos econômicos e sociais onde atua a análise militante³².

A primeira síntese é a síntese conectiva ou de produção, que é regida por regra binária ou regime associativo. Essa síntese tem a função de ligar as máquinas desejanças entre si. Como já foi dito, uma máquina produz um fluxo que será cortado ou extraído por outra máquina. Ocorre que essa máquina que cortou ou extraiu o fluxo da primeira também irá produzir um fluxo que será cortado ou extraído por outra máquina.

Aquela primeira máquina que produziu o primeiro fluxo mencionado nessa série, também realizou o corte ou extração do fluxo de uma máquina anterior, e assim sucessivamente nos dois sentidos. Existe uma linearidade contínua na regra binária ou de regime associativo. Essa síntese é o fundo comum das demais sínteses. A síntese disjuntiva e a síntese conjuntiva são imanentes à síntese conectiva, uma vez que cada uma delas responde e funciona em regra binária ou associação entre as partes, ainda que possua sua própria regra de funcionamento.

Deleuze e Guattari identificam na síntese produtiva ou conectiva, enquanto uso imanente, o uso parcial e não específico das mesmas. Esse uso é marcado pela presença

³² Ibidem, p. 153.

de objetos parciais³³ que não derivam de formas antropomórficas, uma vez que esses objetos são fragmentos indeterminados que conduzem a outros tantos fragmentos indeterminados, isentos de uma forma específica. Contudo, o uso transcendente é caracterizado por ser global-específico, que se divide em parental e conjugal.

O primeiro corresponde à forma triangular Édipo (papai-mamãe-eu), o segundo é a reprodução dessa forma. O paralogismo desse uso é o da extrapolação, que por sua vez funciona como causa formal para o Édipo, pois ele extrai da cadeia de conexões um objeto, o converte em significante para reorganizar a cadeia e, por fim, afirma que ele falta nessa mesma cadeia.

Em se tratando da síntese disjuntiva ou de registro (ela está ligada à primeira síntese, pois também funciona como “produção de produção”, só que “produção de produção de registro”) o uso imanente é o uso inclusivo ou ilimitativo, o qual é marcado pela transitoriedade ou movimento entre dois polos, sem aderir necessariamente a um ou a outro. Esse uso é a distância estabelecida entre heterossexualidade e homossexualidade, que por sua vez nunca está localizada em apenas uma, nem postula uma síntese conciliatória entre ambas, mas é o processo transversal que leva pedaços e fragmentos de elementos de uma à outra, deslocando ambas.

Esse uso é submetido ao uso transcendente do tipo exclusivo e limitativo, que preconiza como extremos o simbólico e o imaginário, nos quais as escolhas são ou diferenciações simbólicas ou indiferenciações imaginárias, cujo critério de escolha é o da triangulação edipiana. Nessa situação, o paralogismo fundamental é o *double bind* (duplo impasse), que organiza como extremos do inconsciente produtivo o próprio Édipo, seja para entrar ou sair, a edipianização estará colocada.

Já a síntese conjuntiva ou produção de consumo (essa síntese, por sua vez, também está ligada à primeira síntese, já que funciona como “produção da produção de consumo”) é caracterizada pelo uso imanente, nômade e plural em oposição ao uso

³³ Dentro de *O Anti-Édipo* os objetos parciais funcionam como peças integrantes das máquinas desejantes. Eles nunca possuem formas antropomórficas personalizadas, porque são fragmentos de fragmentos em movimento constante. A forma desses objetos parciais nunca é imóvel ou estanque, eles estão sempre no limite e se deslocando como informes ou disformes. Contudo, dentro da psicanálise o conceito de objeto parcial possui uma história peculiar, que, nesse caso, passa a impressão de ter ficado mais notabilizado por Melaine Klein. Assim, os objetos parciais são os objetos visados pelas pulsões parciais, sem serem necessariamente pessoas em seu conjunto. Os objetos parciais são, sobretudo, partes do corpo (seio, pênis) ou seus correlatos simbólicos. Tanto uns quanto os outros são dotados de características similares as de uma pessoa (perseguição, benevolência). Isso não impede que uma pessoa se identifique ou possa ser identificada com um objeto parcial. Cf. Laplanche, D. Pontalis, L. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998, p. 325-326.

transcendente bi-unívoco. Esse uso imanente trata da produção de intensidades com base nas séries em que cada estado ou quantidade intensiva vivenciada pelo sujeito errante que recebem os nomes da história da geografia e da física são substituídos pelo nome do pai, via o primeiro paralogismo (extrapolação). O paralogismo em vigor aqui é o da aplicação, que fixa o Édipo e sua triangulação como condição das relações entre a família e o campo social, ignorando que cada um dos quais está aberto de maneira plural ao outro.

4. A edipianização no capítulo 2 de *Kafka: por uma literatura menor*

Naquilo que tange ao texto de 1975 *Kafka: por uma literatura menor*, em particular ao capítulo 2 intitulado de “Um Édipo grande demais”, é possível identificar que ele está voltado para investigar o seguinte problema: em que medida as linhas de fuga do devir-animal na obra de Kafka são insuficientes para encontrar uma saída para o impasse decorrente do processo de edipianização do desejo?

A hipótese apresentada por Deleuze e Guattari sustenta que as linhas de fuga do devir-animal são insuficientes para encontrar uma saída para o impasse decorrente da edipianização do desejo porque o conjunto do devir-animal é dotado de uma ambiguidade que o impede de preencher seu próprio princípio de desterritorialização, vindo a implicar numa oscilação entre a saída esquizo e o impasse edipiano.

Para desenvolver essa hipótese, a linha argumentativa possui um duplo aspecto: criticar o cerne das interpretações psicanalíticas acerca da *Carta ao pai* de Kafka, bem como mostrar que existe nesse texto um deslizamento perverso.

No entendimento de Deleuze e Guattari, o cerne das interpretações psicanalíticas compreende o texto da *Carta ao pai* como um Édipo clássico do tipo neurótico em função de haver uma culpabilização do pai que culmina na culpabilização do próprio filho, mediante o constante julgamento por parte deste em relação àquele.

Em oposição a isso, Deleuze e Guattari preconizam que existe um deslizamento na *Carta ao Pai*, o qual pode ser caracterizado pela passagem do Édipo clássico do tipo neurótico para um Édipo bem perverso, cujo traço marcante é a hipótese da inocência do pai, seguida da aflição comum ao pai e ao filho, que conduz à inocência deste:

Contudo, o interesse da carta está em um certo deslizamento: Kafka passa de um Édipo clássico do tipo neurótico, em que o pai bem-amado é odiado, acusado, declarado

culpado a um Édipo bem mais perverso, que se reverte numa hipótese de uma inocência do pai, de uma “aflição” comum ao pai e ao filho, mas para dar lugar a uma acusação em enésimo grau, a uma reprovação tanto mais forte quanto se torna inassinalável e ilimitada (como a “moratória” do processo) através de uma série de operações paranoicas³⁴.

Esse deslizamento possui uma meta e um efeito específico. O pressuposto do argumento de Deleuze e Guattari em relação à meta consiste em pensar o texto da *Carta ao pai* como uma foto imiscuída numa máquina. Assim, a meta consiste em obter uma ampliação dessa foto até ao absurdo. Essa ampliação ocorre sobre o mapa histórico, geográfico e político do mundo, também chamada de edipianização do universo, que funciona a partir da sobrecodificação dos nomes da história por parte do nome do pai.

O propósito de Deleuze e Guattari com essa ampliação é mostrar que existe uma micropolítica do desejo composta por impasses e saídas, submissões e retificações, em meio as quais ocorre uma agitação molecular onde é possível identificar o desejo submetido que produz o Édipo ao comunicar sua própria repressão.

Como consequência disso, o efeito específico possui dois aspectos: mostrar que existem outros triângulos ao fundo do triângulo familiar e que há a possibilidade de uma saída ou linha de fuga em relação a esses triângulos.

O primeiro aspecto do efeito trata dos outros triângulos (judiciário, burocrático, econômico e político) que atuam como condição para potência e missão do triângulo familiar. Essa missão está voltada precisamente para propagar a submissão e fazer baixar a cabeça que equivale à produção do impasse. O triângulo familiar está ligado às potências diabólicas da sujeição presentes nesses outros triângulos que estão, por sua vez, corporificados na máquina tecnocrática americana, máquina burocrática russa e na máquina fascista.

O elemento comum e próprio desses triângulos que estão ao fundo do triângulo familiar é que eles possuem algo de vago e difuso que permite a transformação de uns nos outros. Ora o triângulo judiciário é transformado no burocrático, que se transforma no econômico, o qual é convertido no político e assim por diante. Essas transformações são marcadas pela proliferação de um dos termos e pela contínua mudança nos extremos integrantes desses triângulos.

³⁴ Deleuze, G; Guattari, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 21-22.

O segundo aspecto do efeito diz respeito à possibilidade de saída ou de linha de fuga em relação aos triângulos opressores. Essa saída ou linha de fuga, que responde às potências diabólicas, é o subumano do devir-animal, os quais não são substitutos do pai, nem arquétipos do pai. Na verdade, Deleuze e Guattari dizem que são desterritorializações ou desertificações das potências diabólicas investidas na família. Essas linhas de fuga ou desterritorializações são movimentos positivos voltados para atingir as intensidades puras em que as formas se desfazem em favor de uma matéria não formada.

Além disso, Deleuze e Guattari elucidam que os devires, desterritorializações ou linhas de fuga não são imitações, mas apenas imitações aparentes que estão buscando uma saída em relação aos triângulos estabelecidos. Essa saída é a captura de um fragmento ou possessão que desenvolve uma evolução a-paralela assimétrica capaz de fazer escaparem fluxos ou processo de um território estabelecido.

Para Deleuze e Guattari, o elo de ligação entre esses dois aspectos do efeito do deslizamento perverso está exposto principalmente no texto da *Metamorfose*, visto que existe uma correlação entre a constituição progressiva do triângulo burocrático e o desenvolvimento do devir-animal do personagem Gregor. À medida que a série do triângulo burocrático avança, Gregor sofisticava sua saída ou devir em relação à esse triângulo. O triângulo burocrático vai do gerente aos três burocratas locatários, passando pelo pai. Do outro lado, Gregor vive seu devir do coleóptero, escaravelho, besouro até chegar na barata.

Os devires animais são desterritorializações absolutas que penetram o deserto no mesmo lance de dados que atraem elementos heterogêneos para um espaço despovoado. Além disso, os devires animais são também a construção de linhas de fuga em toda sua positividade. Essa construção é marcada pelo movimento de ultrapassar limiares estabelecidos, bordas e limites existentes que compõe as formas em vigor. Nesse caso, ultrapassar tem como efeito alcançar um mundo composto por intensidades puras, nas quais todas as formas se desfazem em favor de uma matéria não-formada³⁵.

Os devires remetem aos gradientes ultrapassados e aos conteúdos que se franqueiam de suas formas. Devires são evoluções a-paralelas não simétricas, marcados pela dupla captura e pela dupla possessão, jamais funcionando como uma imitação.

³⁵ Ibidem, p. 27

Entre dois elementos envolvidos no devir, algo escapa de um e de outro, constituindo uma zona de indiscernibilidade única e, ao mesmo tempo, heterogênea.

Ocorre que Deleuze e Guattari ressaltam que mesmo havendo o deslizamento perverso na *Carta ao pai* que permite enxergar essa micropolítica das potências diabólicas e dos devires, ainda persiste o impasse ou a sujeição. A razão disso é que sempre existe o perigo de um forte retorno edipiano.

No argumento de Deleuze e Guattari, esse retorno é problematizado em função do fato de que os devires-animais são dotados de ambiguidade e de uma insuficiência, capaz de fazer com que as desterritorializações sejam encalhadas e interrompidas, atingindo o fracasso dos devires iniciados, uma vez que o conjunto do devir-animal oscila entre a saída esquivo e o impasse edipiano.

Não seria antes que os devires-animais não chegam a preencher seu princípio, guarda sempre uma ambiguidade que faz sua insuficiência e os condena ao fracasso? Os animais não seriam ainda formados demais, significantes demais, territorializados demais? Não seria o conjunto do devir-animal que oscila entre uma saída esquivo e um impasse edipiano?³⁶

5. Considerações finais

Retomemos nosso problema: do ponto de vista da crítica dirigida à psicanálise, quais são as possíveis continuidades e rupturas entre o capítulo 2 de *O Anti-Édipo*, intitulado de “Psicanálise e familiarismo: a santa família”, e o capítulo 2 de *Kafka: por uma literatura menor*, cujo título é “Um Édipo grande demais”?

Nossa hipótese inicial é de que o conceito de edipianização é o núcleo da continuidade entre os dois capítulos investigados. Nesse sentido, a relação entre desejo e repressão é mais uma vez retomada por meio da triangulação. De maneira mais específica, a triangulação familiar no texto sobre Kafka, possui como condições os demais triângulos da produção e repressão social, tais quais o triângulo burocrático, judiciário, político e econômico. Nesse ponto, a repressão social envolve o desejo através da família em ambos os textos. Uma diferença marcante é que no texto de 1972 o recalcado conduz à repressão do inconsciente, já no texto de 1975 a triangulação recebe papel predominante nessa tarefa.

³⁶ Ibidem, p. 31

Outro elemento de continuidade é o uso da literatura como intercessora ao pensamento filosófico. Isso ocorre nos dois textos, pois em *O Anti-Édipo*, são destacados os investimentos tanto de ordem revolucionária, quanto de seara repressora dentro da literatura anglo-americana. Nessa ocasião, devir- revolucionário e devir-fascista se encontram e oscilam entre um e outro. No texto sobre Kafka isso está presente na ambiguidade pertinente ao devir animal apresentado, visto que ele oscila entre saída esquizo e impasse edipiano.

É prudente ressaltar que nos dois textos a crítica contra à psicanálise é caracterizada pela tentativa de desneurotizar o sujeito que emerge. No primeiro, em favor da esquizofrenização, no segundo na direção da perversão, conforme o deslizamento perverso que é identificado em *Carta ao Pai*³⁷.

Existe também uma semelhança do ponto de vista da organização dos dois textos, porque a crítica direta à teoria e prática psicanalítica, acontece no capítulo 2 de ambos. É como se estruturalmente “Um Édipo grande demais” pudesse ter sido retirado de dentro de “Psicanálise e familalismo: a santa família”.

Naquilo que é próprio das diferenças entre os dois textos, existe uma marcante diferença de tom, pois em *O Anti-Édipo* fica evidente a sonoridade de denúncia presente na relação entre análise do capitalismo e crítica à psicanálise. Essa denúncia, que parece oscilar entre a cólera e a ironia, nos faz sentir como se o desejo que desceu às ruas em maio de 68 estivesse presente também no texto de Deleuze e Guattari. Por sua vez, no livro sobre Kafka encontramos uma serena experimentação permeada por humor e elegância a qual desperta a impressão no leitor de que está em curso uma aplicação daquilo que foi vivenciado em *O Anti-Édipo*³⁸.

³⁷Essa diferença entre esquizofrenia e perversão na obra de Deleuze pode ser abordada, esquematicamente, desde *Lógica do sentido* de 1969. Nessa ocasião, é possível destacar pelo menos duas séries: “Décima terceira série: Do esquizofrênico e da menina” e na “Vigésima nona série: as boas intenções são forçosamente punidas. Na primeira série, à luz de Artaud, a esquizofrenia é apresentada como a falência de toda e qualquer superfície, marcada pela mistura entre os corpos pela ausência de fronteira entre os corpos e as proposições. Tudo é encaixe e penetração entre os corpos. As palavras perdem seu sentido, elas passam a ter uma natureza física que afeta diretamente aos corpos. Na outra série, a perversão é tratada como percurso das superfícies que está sendo ameaçado pela profundidade e pela altura. Esse percurso demarca um tipo de castração por absorção que está sendo ameaçada pela castração da profundidade por devoração-absorção e da castração da altura por privação-frustração. Cf. Deleuze, G. *Lógica do sentido*. Tradução Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 85-96 e p. 209 -215.

³⁸ Cf. Dosse, F. *Gilles Deleuze e Félix Guattari. Biografia Cruzada*, p. 202-205.

Convém lembrar que, de acordo com o próprio Deleuze³⁹, *O Anti-Édipo* pode ser lido como uma pequena máquina a-significante que está voltada para perguntar como cada coisa funciona ou como o próprio funciona para cada um de nós. Nesse caso, o livro é pensado na relação imediata com um fora ou como uma pequena engrenagem que está inserida numa maquinaria muito mais complexa capaz de contribuir na construção de modos de vida dotados da potência e da alegria problematizadora em relação aos poderes hegemônicos que invadem os mínimos aspectos de nossas vidas, que não são exclusivamente privados, mas componentes de uma vida pública⁴⁰.

Além disso, é possível destacar os instrumentos utilizados para pensar a edipianização. No texto de 1972, Deleuze e Guattari estão munidos de uma iniciativa kantiana como uma crítica do inconsciente, na qual destacam os usos transcendentais das sínteses, os paralogismos e a tentativa de reabilitar um inconsciente transcendental. Isso tudo como tarefa da esquizoanálise.

Já no trabalho de 1975, os autores estão firmemente ancorados nos perigos, oportunidades decorrentes da leitura sobre Kafka. A razão disso talvez seja que em Kafka foi possível encontrar os critérios de uma literatura menor, capaz de construir uma possibilidade de saída para o desejo de sua repressão. Dentre esses critérios cabe destacar: a língua é afetada por um coeficiente de desterritorialização, tudo é político e tudo toma valor coletivo. Isso conduz ao uso da expressão “micropolítica do desejo” no lugar de “esquizoanálise”, cujo elemento primordial podem ser os devires ou aquilo que foi chamado de meta-estados, quantidades intensivas e estados de passagem. É nessa seara que a outrora esquizoanálise, enquanto psicanálise política e social, se converte em micropolítica para mapear as obstruções, traições e repressões as quais as intensidades estão submetidas e, conseqüentemente, o próprio desejo.

Recebido em: 26/07/2015 – *Received in:* 07/26/2015

Aprovado em: 27/12/2015 – *Approved in:* 12/27/2015

³⁹ Deleuze, G. *Conversações*, p. 16-17.

⁴⁰ Cf. Foucault, M. “Uma introdução à vida não-facista”. In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade, ano 12, número 17, 2015, p.193-196.